



## TRANSPLANTE FECAL NA ROTINA CLÍNICA DE CÃES E GATOS: RESUMO DE TEMA

Lara Cristina Silva e Souza<sup>1\*</sup> e Gabriel Almeida Dutra<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Bom Despacho - Una – Bom Despacho/MG – Brasil – \*Contato: [lc.aralcss@gmail.com](mailto:lc.aralcss@gmail.com)

<sup>2</sup>Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Bom Despacho - Una – Bom Despacho/MG – Brasil

### INTRODUÇÃO

A microbiota intestinal é composta por um conjunto de microrganismos, como bactérias, vírus, protozoários e fungos, sendo as bactérias responsáveis por cerca de 98% dessa população. Considera-se que um microbioma intestinal equilibrado é essencial para a manutenção da saúde do hospedeiro, pois atua na defesa contra patógenos, na modulação do sistema imunológico e na síntese de nutrientes e vitaminas.<sup>1</sup>

A disbiose ocorre quando há alteração na composição dessa microbiota, resultando em um desequilíbrio que afeta não apenas o trato intestinal, mas também outros sistemas orgânicos, visto que o intestino se comunica e influencia diversos órgãos do corpo.<sup>1,2</sup>

O transplante de microbiota fecal (TMF) surge como uma opção terapêutica promissora para distúrbios gastrointestinais agudos e crônicos, disbioses e infecções refratárias a outros tratamentos.<sup>3</sup> Utilizando fezes de um doador saudável e previamente avaliado, o receptor costuma apresentar melhora clínica significativa após o procedimento. O objetivo desta revisão é discutir os benefícios, efeitos colaterais e aplicações clínicas do TMF em cães e gatos, destacando os avanços e resultados positivos observados em estudos recentes.<sup>4</sup>

### METODOLOGIA

Para a elaboração desta revisão, foram selecionados artigos científicos publicados nos últimos dez anos nas bases de dados PubMed, ScienceDirect e SciELO Brasil. Considerando que o TMF é uma terapia relativamente nova na medicina veterinária, grande parte das referências analisadas é recente ou baseada em estudos da medicina humana.

As palavras-chave utilizadas na busca foram: “FMT”, “microbiota intestinal”, “transplante” e “tecnologia”.

### RESUMO DE TEMA

O transplante de microbiota fecal tem se mostrado uma revolução emergente na abordagem das disbioses e das afecções gastrointestinais.<sup>4</sup> O primeiro passo para sua realização é a seleção de um doador saudável, seja cão ou gato. Apesar de ainda não haver um consenso científico sobre o protocolo de triagem ideal, recomenda-se a realização de exames coproparasitológicos, coprocultura e hemograma para excluir processos inflamatórios ou infecciosos ativos. Além disso, o animal não deve ter recebido antibióticos nos últimos seis meses, deve estar clinicamente saudável, vermifugado e com o esquema vacinal atualizado.<sup>5,6</sup>

Exames complementares, como PCR para detecção de parvovírus canino tipo 2 (CPV-2), parvovírus felino (FPV) e vírus da cinomose canina (CDV), também são recomendados.

As fezes do doador devem ser coletadas por defecação espontânea, antes de tocarmos o solo.<sup>7</sup> Podem ser utilizadas frescas ou congeladas, sendo esta última opção vantajosa por facilitar o armazenamento e a disponibilidade em bancos de fezes, sem comprometer a qualidade microbiológica.<sup>8</sup>

**Figura 1:** Comparativo entre o uso de fezes frescas e congeladas (Fonte: PubMed).

Antes da administração, recomenda-se a limpeza intestinal do receptor com polietilenoglicol (PEG 4000), para otimizar os resultados e reduzir a necessidade de reaplicações.<sup>8</sup>

Em um estudo recente, utilizou-se 90 g de fezes diluídas em 100 ml de solução fisiológica estéril (NaCl 0,9%) com 30 ml de glicerol a 10%, administradas por enema, sem necessidade de sedação. Foram aplicados 120 ml da solução, inserindo-se o bulbo de enema lubrificado de 3 a 5 cm no reto, com o animal em posição inclinada para facilitar a deposição. O procedimento foi repetido após 14 dias.<sup>9</sup>

Outro estudo relatou o uso de 10 g de fezes em 10 ml de solução fisiológica 0,9%, aplicadas por meio de cateter uretral conectado a uma seringa de 20 ml, também sem anestesia. O TMF foi repetido a cada 48 horas até a resolução da diarreia ou um máximo de cinco aplicações.<sup>7</sup>

Ambos os estudos relataram melhora na consistência fecal e no estado clínico geral dos pacientes, com resultados positivos observados dentro de poucas semanas.<sup>7,8,9</sup>

Na medicina humana, o TMF via cápsulas orais tem se mostrado tão eficaz quanto a via retal em casos de infecção recorrente por *Clostridium difficile*. Embora ainda não existam estudos conclusivos em cães, essa abordagem representa uma perspectiva futura.<sup>10</sup>

Em outro estudo, filhotes com gastroenterite por parvovírus canino tratados com TMF apresentaram melhora evidente na consistência das fezes dentro de 48 horas, sem efeitos adversos observáveis.<sup>7</sup>

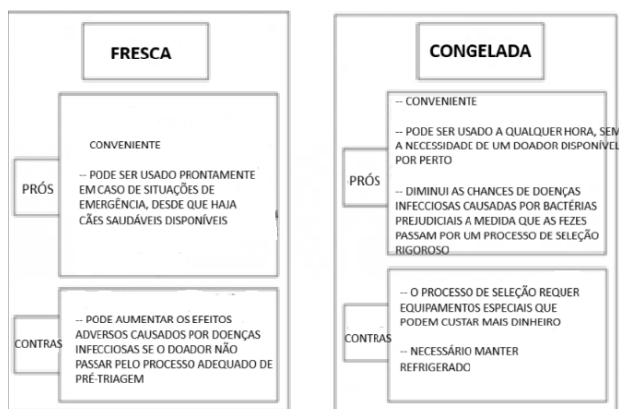
A dermatologia veterinária também tem explorado o TMF como terapia de suporte para as disbioses intestinais associadas à dermatite atópica canina (DAC). A disbiose exerce papel relevante na fisiopatologia da DAC, pois provoca desequilíbrio imunológico, aumento da permeabilidade intestinal e liberação de mediadores inflamatórios, que se refletem na pele em forma de prurido, eritema e inflamações cutâneas.

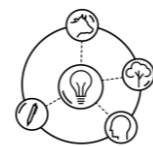
Nesse contexto, o TMF surge como estratégia terapêutica complementar, com potencial para restaurar a microbiota intestinal, modular a resposta imune e reduzir os processos inflamatórios. Quando associado às terapias convencionais, o TMF pode auxiliar no controle clínico da dermatite atópica e melhorar a qualidade de vida dos animais acometidos.<sup>11</sup> O TMF tem se mostrado uma terapia geralmente segura e eficaz para distúrbios gastrointestinais, porém ainda apresenta limitações relacionadas à segurança e à ausência de protocolos padronizados na medicina veterinária. Há risco de transmissão de microrganismos patogênicos ou multirresistentes, o que reforça a necessidade de triagem rigorosa dos doadores. Embora a via de administração pareça influenciar pouco na eficácia, é essencial orientar os tutores sobre as opções e riscos do procedimento. Além disso, a participação de fungos e vírus no microbioma canino e seu impacto na eficácia do TMF permanecem pouco estudados, representando um campo importante para futuras pesquisas.<sup>8</sup>

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transplante de microbiota fecal (TMF) tem se mostrado uma abordagem terapêutica promissora na medicina veterinária, especialmente no tratamento de disbioses intestinais e de doenças associadas, como a dermatite atópica canina e a parvovirose. As evidências disponíveis indicam que a restauração da microbiota intestinal equilibrada pode modular a resposta imunológica, reduzir a inflamação sistêmica e melhorar os sinais clínicos dos animais tratados.

Diante disso, propõe-se que o TMF seja considerado como terapia de suporte complementar às condutas farmacológicas convencionais, contribuindo para um manejo mais abrangente e eficaz das disbioses e suas manifestações secundárias.





Entretanto, ainda há necessidade de padronização dos protocolos clínicos, incluindo critérios de seleção de doadores, dosagens ideais, vias de administração e frequência de aplicação, a fim de garantir maior segurança e reprodutibilidade dos resultados.

Futuras pesquisas devem concentrar-se em ensaios clínicos controlados, análises microbiológicas detalhadas e na avaliação de efeitos a longo prazo, buscando consolidar o TMF como uma ferramenta terapêutica estabelecida e baseada em evidências dentro da prática veterinária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

1. SUCHODOLSKI, J. S. **Analysis of the gut microbiome in dogs and cats.** *Vet Clin Pathol, Wiley.* v. 50, p. 6–17, fevereiro de 2020.
2. DAILEY, F. E. et al. **The dirty aspects of fecal microbiota transplantation: a review of its adverse effects and complications.** *Current Opinion in Pharmacology, Elsevier,* v. 49, p. 29–33, dezembro de 2019.
3. CHAITMAN, J.; GASCHEN, F. **Fecal Microbiota Transplantation in Dogs.** *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice, Elsevier,* v. 51, p. 1-1, janeiro de 2021.
4. KELLY, C. R. et al. **Update on Fecal Microbiota Transplantation 2015: Indications, Methodologies, Mechanisms, and Outlook.** *Gastroenterology, Elsevier,* v. 149, p. 223–237, julho de 2015.
5. CHAITMAN, J. et al. **Commentary on key aspects of fecal microbiota transplantation in small animal practice.** *Vet Med (Auckland). Dove Medical Press,* v. 7, p. 71–74, maio de 2016.
6. DINIZ, A. N. et al. **Fecal microbiota transplantation via colonoscopy in a dog with Clostridioides (Clostridium) difficile infection.** *Ciência rural, Universidade Federal de Santa Maria,* v. 51, p. 1-3, fevereiro de 2021.
7. PEREIRA, G. Q. et al. **Fecal microbiota transplantation in puppies with canine parvovirus infection.** *Journal of veterinary internal medicine, Wiley,* v. 32, p. 707–711, fevereiro de 2018.
8. TUNIYAZI, M. et al. **Canine Fecal Microbiota Transplantation: Current Application and Possible Mechanisms.** *Veterinary Sciences, MDPI,* v. 9, p. 396-396, julho de 2022.
9. CANTAS, L. et al. **Impact of fecal microbiota transplantation in dogs.** *Frontiers in Veterinary Science, Frontiers Media,* v. 12, p. 5-10, julho de 2025.
10. RAO, K. et al. **Capsules for Fecal Microbiota Transplantation in Recurrent Clostridium difficile Infection: The New Way Forward or a Tough Pill to Swallow?** *Jama American Medical Association,* v. 318-20, p. 1979–1980, junho de 2019.
11. CRAIG, J. M. **Atopic dermatitis and the intestinal microbiota in humans and dogs.** *Veterinary Medicine and Science, Wiley,* v. 2, p. 95–105, fevereiro de 2016.